

Expectativas e realidades da profissão docente nos próximos anos

Waldiney Mello

Graduado em Ciências Biológicas (UERJ), Mestre em Biociências Nucleares (UERJ) e Doutor em Ciências (UERJ); Professor Associado do Departamento de Ciências da Natureza (DCN), no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP-UERJ); Coordenador do Laboratório de Tecnologias Educacionais Disruptivas Inclusivas (LATED/CAP-UERJ); Roteirista e apresentador do programa Rádio Animal (Rádio Roquette Pinto RJ) de divulgação científica em radioeducação.

✉ neymello.ictio@gmail.com

No Brasil, 2,3 milhões de professores atuam na Educação Básica, sendo mais de 557 mil na Educação Infantil, segundo o Censo Escolar de 2022 do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Por outro lado, pesquisas do Instituto Semesp em 2022 estimaram que, em 2040, haverá déficit de 235 mil professores. A associação relacionou a defasagem de docentes a fatores como o desinteresse de jovens pelos cursos de licenciatura nos últimos dez anos, ao crescimento do número de aposentadorias nos últimos 20 anos, e evasão da carreira ainda na faculdade, o que tem diminuído o número de alunos concluintes.

A última pesquisa da Organização para a Cooperação de Desenvolvimento Econômico (OCDE), de 2018, afirma que menos de 2,4% dos jovens brasileiros a partir de 15 anos consideram ser professores, isto é, menos do que a média global de 4,2%. Entretanto, segundo o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o Brasil é o que tem mais matrículas em cursos de Formação Inicial Docente (FID) na América Latina e Caribe (ALC). Enquanto a média dos demais países da ALC é de 12,5% de matrículas em FID, o Brasil alcança 20% da ALC.

O BID afirma que, em 2023, 5% dos jovens concluintes do Ensino Médio pensa em ser professor, o que denota um crescimento dobrado em relação ao sugerido pela OCDE cinco anos antes. Entretanto, os números claramente apontam para uma raridade de estudantes que vislumbram a carreira docente. Isso ocorre por diversos fatores históricos.

A formação docente ainda apresenta problemas estruturais, como demonstram os resultados do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) de 2021, que incluiu os cursos de Licenciatura na avaliação. Entre os cursos de melhor desempenho destacam-se os de Bacharelados. Apenas quatro das 17 áreas de Licenciaturas avaliadas estavam entre as primeiras dez posições. A área de Pedagogia, por exemplo, apresentou o terceiro pior rendimento. As causas para os baixos rendimentos das Licenciaturas estão entre as mesmas

que afastam jovens da carreira docente (e.g. poucos recursos e investimentos na formação docente, desvalorização da profissão, poucas oportunidades de emprego). Os próprios resultados de um ENADE influenciam em fatores que podem levar ao sucesso e crescimento ou ao fracasso e encerramento de cursos de Licenciatura, impactando diretamente na formação de recursos humanos para a carreira docente. Ocorre que o ENADE impacta diretamente a vida de discentes e pode direcionar investimentos na formação de futuros professores.

O ENADE compõe os critérios de avaliação de cursos de educação superior federais e particulares, por exemplo. Portanto, bons resultados dos alunos dos cursos de graduação avaliados levam ao aporte de mais recursos, como aqueles para investimentos em infraestrutura, restaurantes universitários, tecnologias de ensino e alojamentos, por exemplo. Linhas de fomento às instituições privadas, como o PROUNI e o FIES, são afetadas pelos resultados no ENADE, determinando muitas vezes quais cursos perecerão ou se manterão ativos. Entretanto, as avaliações do ENADE geram números frios, sem considerar as diferentes realidades das instituições.

Tudo isso – e muitos outros fatores – atingem diretamente os discentes, especialmente os futuros professores, tanto aqueles jovens na Educação Básica que pensam em ser professores como os que cursam Licenciaturas. Aliás, nesses dois grupos, a decisão pela profissão tende a mudar, e muitos fatores influenciam na decisão de ingressar ou permanecer na carreira docente. As políticas públicas no Brasil historicamente negligenciam investimentos necessários ao ensino e pesquisa, subvalorizando a carreira de professor da Educação Básica às Graduações e Pós-Graduações. Aliás, historicamente a Educação no Brasil tem experimentado o comando de uma maioria esmagadora de ministros que jamais trabalharam na Educação Básica, embora tenham o título acadêmico de professores. Entre uma maioria de advogados, médicos, engenheiros e economistas, poucos experimentaram o cotidiano de qualquer escola brasileira. A subvalorização da função, aporte incipiente de recursos, pouca infraestrutura, o cansaço estrutural das rotinas de trabalho e, obviamente, as piores médias salariais entre todas as profissões reconhecidas (conforme dados recentes do PNAD/IBGE), têm afastado alunos dessa carreira, e promovido a desistência de tantos professores formados. A construção da imagem do professor leva muitos a ver a profissão como um sacerdócio, onde há sofrimento, porém tudo é pelo amor à profissão, mesmo que isso leve à vida por subsistência. Entretanto, a docência precisa ser exercida com amor, e não

por amor. Aquela exercida por amor, isto é, cuja finalidade e aspiração de carreira é apenas ensinar abdicando de qualquer outro propósito pessoal ou profissional, não preenche os sonhos de jovens em idade escolar, muito menos de atuais professores. A carreira docente é como qualquer outra área a ser desempenhada com amor, porém que pode buscar o crescimento pessoal e profissional sem que seja o único propósito de vida de um professor. A carreira na educação já não comporta mais apenas portadores de um diploma de licenciatura e sem ferramentas atualizadas para ensinar e contribuir para a geração de bons recursos humanos (inclusive de novos bons professores). É preciso formar professores mais versáteis, que sabem utilizar novas tecnologias e explorar seus potenciais pedagógicos de forma inclusiva e criativa.

O uso de tecnologias emergentes no ensino ainda é incipiente, porém promissor. Gamificação virtual, impressão e modelagem 3D, Realidade Aumentada (RA), Realidade Virtual (RV) e Inteligência Artificial (IA) estão entre as tecnologias emergentes com excelentes perspectivas e potenciais no ensino.

As dificuldades trazidas pela pandemia de COVID-19 provocaram mudanças profundas na área de Educação. Professores e licenciandos hoje convivem com tecnologias disruptivas de ensino-aprendizagem, em uma crescente Educação 4.0. As salas de aula tradicionais hoje convivem com espaços virtuais invisíveis em nuvens de metadados; as IAs já produzem materiais pedagógicos em minutos; escolas e universidades limitadas pelo espaço físico recebem a presença virtual de centenas de alunos em tempo real por aplicativos de reunião; e as ferramentas didáticas já contam com tecnologias emergentes inclusivas e assistivas. A Educação presencia transformações em seus métodos, alcance, efetividade e democratização, e experimenta novos ares que podem ser fundamentais para a formação de novos professores mais versáteis nas próximas décadas.

A perspectiva é que novas formas de ensinar e aprender façam parte de uma educação mais inclusiva, diversa, democrática e com tecnologias virtuais de grande alcance. As novas necessidades tecnológicas têm despertado o interesse público e privado em investir na capacitação de profissionais, o que exige uma reformulação em como são capacitados os professores. As necessidades de reformulação dos processos de ensino-aprendizagem são atualmente mais exigentes, especialmente quando falamos de inclusão dos alunos neurodiversos (i.e. Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção e

Hiperatividade (TDAH), dislexia e altas habilidades). Diversidade não é inclusão, e atualmente alcançamos um público mais diverso em escolas e universidades, porém raramente incluído pela escassez de estratégias educacionais adaptadas.

O Censo Escolar de 2020 afirma que 90% dos alunos da educação especial estão matriculados em escolas regulares, o que denota o aumento do acesso a um direito básico, ainda que não necessariamente aponte para a amplificação de políticas públicas suficientes voltadas à inclusão nas escolas. Entretanto, o Atendimento Educacional Especializado (AEE) ainda carece de Salas de Recursos Multifuncionais (SRM) e profissionais suficientes e preparados para atender a esse público. Mesmo a região brasileira mais bem atendida (Distrito Federal) tem menos de 45% de salas desse tipo, com o norte e nordeste mais defasados (média de 15% de escolas com SRMs).

Os diagnósticos de alunos neurodiversos tem aumentado exponencialmente, embora ainda subestimados, e provocado mudanças de paradigmas pedagógicos nas escolas. Desde 2017, por exemplo, o Censo Escolar aponta para um aumento em quase três vezes no número de alunos autistas matriculados na Educação Básica em escolas públicas no Brasil. Tais números ainda são subestimados quando comparados à estimativa de 2 milhões de brasileiros com TEA. Alunos neurodiversos apresentam especificidades muitas vezes individuais na comunicação, interações sociais, ambiente de aprendizado e estratégias de ensino-aprendizagem, para as quais escolas e docentes ainda não estão preparados para atender à demanda exponencial. As tecnologias emergentes têm sido utilizadas de forma crescente e com sucesso em novas estratégias de ensino inclusivo. Quando professores utilizam tecnologias como gamificação virtual, impressão 3D, realidades estendidas (RA e RV) e IAs, por exemplo, ocorre o alinhamento entre o ensino e terapias clínicas emergentes reconhecidamente efetivas. As tecnologias emergentes utilizadas em sala de aula são a extensão da realidade terapêutica de muitos neurodivergentes, e se alinham a um ensino inclusivo que tem quebrado paradigmas educacionais enraizados há séculos. A Educação 4.0 é mais do que apenas adicionar tecnologias modernas à sala de aula; ela tem trazido impactos e novas perspectivas para a formação de professores e de estudantes.



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).